

VIDAL DE LA BLACHE À LUZ DOS RECURSOS DA HISTÓRIA SOCIAL DA GEOGRAFIA: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA DISCIPLINA E O PRIMEIRO ESBOÇO DO MÉTODO GEOGRÁFICO

*Larissa Alves de Lira**

RESUMO

Neste trabalho, faremos um breve relato dos métodos em história social das ciências aplicados à história da geografia, sobretudo em torno de quatro perspectivas: os círculos de afinidades e as estratégias da comunidade científica, o método contextual e a geografia da ciência, associados à análise da trajetória de um importante geógrafo francês da virada do século XIX ao XX - Paul Vidal de la Blache - e da institucionalização da geografia.

Palavras-chave: história social da ciência, Paul Vidal de la Blache, institucionalização, método geográfico.

VIDAL DE LA BLACHE À LA LUMIÈRE DES OUTILS DE L'HISTOIRE SOCIALE DE LA GÉOGRAPHIE: L'INSTITUCIONALISATION DE LA DISCIPLINE ET LA PREMIÈRE ESQUISSE DE LA MÉTHODE GÉOGRAPHIQUE

* Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo com a dissertação "O primeiro esboço do método geográfico de Vidal de la Blache a partir dos estudos do Mediterrâneo. Permanências e rupturas no contexto da institucionalização da geografia (1872-1918)", sob orientação do Prof. Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto e financiamento da Fapesp. E-mail: lara.lira@gmail.com.

RÉSUMÉ

Dans ce travail, on fera un bref rapport des méthodes de l'histoire sociale de la science appliquées à l'histoire de la géographie, surtout en rapport avec quatre perspectives: les cercles d'affinité, les stratégies de la communauté scientifique, la méthode contextuelle et la géographie de la science, associées à l'analyse de la trajectoire d'un important géographe français du XIXe et XXe siècles - Paul Vidal de la Blache- et de l'institutionnalisation de la géographie.

Vidal de la Blache foi mestre incontestável da geografia francesa universitária. Tal geografia influenciou, no início do século XX, departamentos como o da Universidade de São Paulo através da missão francesa que contribuiu na fundação da Universidade. Nascido em 1845, formou-se na Escola Normal como historiador e apresenta-se à Agregação¹ em história e geografia em 1866 (SANGUIN, 1993, p. 53-55).

Neste artigo tentaremos descrever os primeiros passos de Vidal no processo de institucionalização da geografia e arrolar alguns fatores que contribuíram à entrada da geografia nas universidades francesas, assim como os primeiros passos de uma teoria geográfica. Para tanto, recorreremos às perspectivas de análise do campo recém-formado no domínio da história das ciências: a história social.

Após uma rápida explicação sobre o que consistem esses alicerces, esclareceremos como eles podem ser úteis aos nossos propósitos, para então ressaltar passagens evocadoras do próprio Vidal de la Blache nas quais se fazem aparecer as concepções de

¹ A Agregação foi criada pelos decretos napoleônicos de 1806 e 1808, reformulada em 1821. Era a entrada para o sistema universitário como também condição para obter melhores salários na rede dos colégios. O título dava acesso, ademais, ao sistema administrativo da Instrução Pública em escala regional e nacional (SANGUIN, 1993, p. 30).

história, circulação e regionalização (do Mediterrâneo) elaborados no bojo do período de entrada da geografia nas Universidades.

A carreira de La Blache está intimamente associada à institucionalização da Geografia, ou seja, a entrada desta disciplina nas Universidades. Sua conversão da história à geografia é alvo de debates na historiografia da geografia, que busca estabelecer uma periodização “correta” da institucionalização da disciplina na França.

A decisão de La Blache em tornar-se geógrafo, supostamente, foi a chave da institucionalização da geografia. Porém, como veremos, esta conversão está relacionada a aspectos da época e envolve estratégias que vão para além da identificação como geógrafo. Também o primeiro esboço do método geográfico está associado a aspectos do contexto e de suas afinidades. A institucionalização da geografia não foi um dado da escolha pessoal de Vidal. O intento da recém-criada história social da ciência é arrolar diversas determinações para explicar emergências, declínios e evoluções das teorias.

A CARREIRA E A ESCOLHA DE VIDAL PELA GEOGRAFIA

Este interesse de La Blache pela Geografia, defende Andrews, é em grande parte impulsionado pelo contexto. Depois da derrota na guerra, Jules Simon, ministro da Instrução Pública, lança uma forte política para dar impulso à disciplina. Levasseur (*Collège de France*) e Himly (*Sorbonne*) são convocados para realizar uma enquete nacional sobre o ensino de geografia e história (ANDREWS, 1986a). Esta investigação vai resultar em um relatório geral de conclusões catastróficas e, em novembro de 1871, Simon institui a Comissão de Ensino da Geografia. Esta instância terá 52 palestras entre 22 de novembro de 1871 e 20 de fevereiro de 1875 e terminará com o II Congresso Internacional de Geografia, ocorrido em Paris, de 1 a 11 de Agosto de 1875.

Antes, em 10 de Outubro de 1872, Paul é nomeado professor da cadeira de história e geografia de Nancy. (SANGUIN, 1993, p.108-109). Portanto, é o provável que o movimento nascido por iniciativa do ministro e dos grupos de pressão tenham impulsionado a escolha de Vidal.

Alguns anos depois, em 1877, Vidal é encarregado do ensino de geografia no terceiro ano da *École Normale, no interior do curso de história* (GALLOIS, 1918, p.165). O sucesso das aulas fez com que tais estudos complementares fossem acrescidos em dois anos (SANGUIN, 1993, p. 118-121). Tornado um dos principais pedagogos da III República foi nesse cenário que ele publicou as 44 cartas murais. Seu sucesso foi tanto que a *Armand Colin* encomendar-lhe-á um Atlas², elaborado entre os anos de 1886 e 1894 (data da primeira edição). Pela mesma editora, La Blache vai lançar em 1891 os *Annales de Géographie* (SANGUIN, 1993, p.128-130), marco da institucionalização da geografia. É nessa condição de professor associado ao curso de história que Paul ensinará durante 20 anos!- aspecto ao qual a historiografia tentará não dar relevo.

Em 15 de Dezembro de 1898, Paul é nomeado professor de Geografia na *Sorbonne*. (SANGUIN, 1993, p.139). De 1882 a 1902 ele percorreu toda a França para analisar e observar o terreno como uma forma de preparação e contribuição à monumental obra de Ernest Lavisse³ e, com 58 anos, Vidal publica o fabuloso *Tableau de la Géographie de la France*. (SANGUIN, 1993, p.198). O sucesso do livro abriu a Paul as portas da *Académie des Sciences Morales et Politiques*, para onde foi eleito em 1906.

O sucesso do *Tableau* é incontestável. Muitas palestras ao redor da França são pronunciadas por ser considerado um especialista na questão regional em pleno movimento regionalista

² Atlas *Vidal-Lablache*, primeira edição de 1894.

³ *Histoire de France depuis les origines jusqu'à la Révolution* (1901).

(OZOUF-MARIGNIER, 2000)⁴. Já entre o fim de 1911 e início de 1912, Paul não ensina mais na *Sorbonne* e dedica-se então à confecção da *Géographie Universelle* e da *La France de l'Est* (SANGUIN, 1993, p.270). E, depois de um pedido ao ministro, Vidal de La Blache se aposenta em 1914 (SANGUIN, 1993, p.279).

SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA E CÍRCULO DE AFINIDADES: A RELAÇÃO COM OS HISTORIADORES COMO UMA DAS ESTRATÉGIAS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA VIDALIANA

Com o aprofundamento dos estudos em história da ciência, percebeu-se que, não obstante a hegemonia que determinadas escolas de pensamento exerceram sobre sua época, a evolução da pesquisa científica era frequentemente encorajada por contendas e controvérsias. Em certas estações, intensificava-se a polarização entre duas ou mais propostas para a mesma disciplina⁵.

Para o caso da geografia francesa, Vincent Berdoulay identificou oito potenciais grupos candidatos a exercer a posse das cadeiras universitárias que vinham à tona no final do século XIX (tendo em vista a reforma educacional do Segundo Império): os autores do inventário terrestre (patrocinados pelas Sociedades de Geografia); o círculo de Deprayon (que incitava uma geografia prática ligada aos interesses coloniais); a morfologia social (de Durkheim e seus discípulos, que pleiteavam estudar o substrato dos grupos e sociedades); o grupo da Reforma Social (discípulos de Le Play que se dedicavam à relação das famílias e dos grupos com o meio); os geógrafos em posição marginal, como Elisée Reclus; a

⁴ O movimento regionalista foi um movimento dos intelectuais e políticas provinciais para diminuir a força da centralização parisiense.

⁵ O tema das controversas é muito cara a Latour e sua ideia de ciência em construção (LATOUR, 2000).

geografia econômica e estatística de Emile Levasseur; a geografia histórica de antigo estilo, impulsionada por Himly; e, por fim, Vidal de la Blache e os vidalianos (BERDOULAY, 2008, p. 153-181).

Daí resulta que o historiador, condicionado a uma concepção evolucionista, descartasse rapidamente os grupos “perdedores” através de argumentos epistemológicos, expressando por vezes julgamentos de valores e apoiando-se demasiado nas forças do presente. Semelhantes raciocínios eram deveras imponderáveis quando restringidos à lógica interna das teorias, pois uma vez comparados dois sistemas, o grau de confiabilidade dessas teorias, relativos aos critérios de veracidade, constituíam provas frágeis.

Sociólogos como Barnes e Bloor avistaram de longe tanto essas parcialidades quanto a fragilidade do argumento epistemológico tomado isoladamente. O geógrafo Vincent Berdoulay aplicou tais propostas ao estudo da formação da escola francesa de geografia entre 1870 e 1914 demonstrando a existência do que ele chamou de “círculo de afinidades”.

O princípio do “círculo de afinidades” é que a legitimação das ideias não está ligada apenas à sua força intelectual. Nucleado em torno de um conjunto de conhecimentos, um grupo de cientistas só se torna vencedor (logrando continuidade) ao comportar-se organizadamente - formar hierarquias e eleger nomes fortes que comandem o processo de institucionalização - e fazendo alianças com outros setores da sociedade. Retomamos deste modo a ideia das estratégias tanto epistemológicas quanto sociais (BERDOULAY, 2008).

Na outra vertente dos Pirineus, a proposta de Horacio Capel espanta pelas analogias. O autor discorre sobre a existência de estratégias de diversas ordens que contribuíram para a ascensão da Geografia ao Ensino Superior. Consoante Capel, o surgimento da comunidade dependia do apoio dos governos, sociedades geográficas, entre outros. A definição da identidade de um ramo das ciências provocava afeição nos partidários da mesma forma que agruras nos adversários (CAPEL, 1981, p. 38).

No bojo desses compromissos estava a questão da colocação profissional (que na França se dava por indicação ao Ministro da Instrução Pública). Para ele, o estudo das motivações que influenciaram as “conversões” à geografia *parece* demonstrar que a oportunidade profissional *pode* ter sido muitas vezes o elemento decisivo (CAPEL, 1981, p. 62). As cadeiras de geografia na França surgiram primeiramente associadas às cadeiras de história e a primeira delas foi criada em Nancy.

VIDAL DE LA BLACHE E A RELAÇÃO COM OS HISTORIADORES

De acordo com Andrews, antes de se candidatar à cadeira de geografia e história de Nancy (após ter defendido seu doutorado), Vidal ficou a par de uma possível transferência do professor suplente Petit Juleville da cadeira de história. Então, “Vidal escreveu para o Ministério no dia 01 de junho de 1872 ressaltando que, na eventualidade de a nova cadeira ser atribuída a Petit de Juleville, ele gostaria de ser considerado como candidato a esta cadeira de história.” (ANDREWS, 1986b, p. 344)⁶.

De feito, quando Vidal de la Blache se candidata à cadeira de geografia e história de Nancy (e não é notório que o tenha feito mais pela geografia do que pela história), a partida da geografia não estava ganha.

Em concordância com o documento revelado pelo mesmo autor, sua segunda solicitação *parece* ter também um “plano b”, qual seja: ocupar a cadeira de literatura estrangeira (o que não está claro na carta de candidatura). Uma vez aceito o pedido para a cadeira de geografia e história, não é difícil imaginar, conclui Andrews, que a opção pela geografia tenha se dado

⁶ “Vidal écrivit au Ministère le 1er juin 1872 soulignant que dans l'éventualité où la nouvelle chaire irait à Petit de Juleville, il désirait être considéré comme candidat à cette chaire d'histoire”.

gradativamente segundo os jogos do contexto, à medida que se aprofundava a reforma educacional do segundo império levada a cabo pelos políticos. Veja-se a carta de Vidal:

*Angers, 21 de janeiro de 1872.
Excelentíssimo Senhor Ministro,
Tenho a honra de apresentar minha candidatura à
cadeira de geografia, que está prestes a ser criada na
Faculdade de Letras de Nancy. Após conquistar, em
1866, o primeiro lugar no concurso da Agregação de
história, passei três anos em Atenas como membro
da Escola Francesa e fui promovido, recentemente,
ao grau de doutor de Letras pela Faculdade de Paris.
Este título de membro da Escola de Atenas constituirá
certamente, a vosso ver, Senhor Ministro, um ponto
importante a meu favor, junto à Faculdade de Nancy
onde ele é particularmente apreciado. Ademais, sei
que esta Faculdade e o Conselho Acadêmico, para
testemunhar-me sua benevolência, apresentaram-me
por unanimidade, em segunda opção, à cadeira de
professor de literatura estrangeira. [...]
Paul Vidal-Lablache, Doutor de Letras, professor de história
no colégio de Angers (ANDREWS, 1986b, p. 353-354)⁷*

⁷ “Angers, 21 janvier 1872. Monsieur le Ministre, J’ai l’honneur de proposer ma candidature pour la chaire de géographie, qui doit être prochainement créée à la Faculté des Lettres de Nancy. Reçu le premier au concours d’agrégation pour les classes d’histoire en 1866, j’ai passé trois ans à Athènes comme membre de l’École française, et j’ai été récemment promu au grade de docteur-dès-lettres par la Faculté de Paris. Ce titre de membre de l’École d’Athènes paraîtra sans doute à vos yeux, Monsieur le Ministre, créer une recommandation importante en ma faveur, auprès de la Faculté de Nancy, où il est tout spécialement apprécié. Je sais d’ailleurs que déjà cette Faculté et le Conseil Académique, pour me donner un témoignage de leur bienveillance, ont bien voulu me présenter à l’unanimité, en seconde ligne, pour la chaire de littérature étrangère.[...]”

Os movimentos políticos de outro dos círculos, esclarecidos por Numa Broc, animaram concorrências e mostraram, por oposição, como a associação com os historiadores era apreciada para amalhar a nova disciplina. Drapeyron, sucessor de Levasseur (líder de um dos círculos de afinidades definidos por Vincent Berdoulay que “fazia concorrência” aos vidalianos) obstina-se em fazer penetrar na nação conhecimentos geográficos. As vésperas da guerra de 1870, ele está no Lycée Charlemagne, onde ficará até 1899. O congresso internacional de geografia de Paris, realizado em 1875, vai oferecer a Drapeyron a primeira ocasião de fazer conhecer suas ideias.

Seu principal combate se dá no campo das instituições superiores: Deprayon espera a criação de uma Escola Nacional de Geografia a partir de 1880 e também a Agregação em geografia (separada da história). Os adversários a esta escola não faltam. Eles retrucam: “não se poderiam criar faculdades de geografia em instituições já existentes?” “Não, respondem os partidários, pois o objetivo da escola nacional não é só pedagógico e ultrapassa a formação de professores”. Além disso, o que pode ser entendido como o pano de fundo desse embate é a separação do ensino superior da geografia do ensino da história (BROC, 1974, p. 558-561).

Portanto, Deprayon tem um poderoso adversário: Himly (líder de outro círculo de afinidades, o dos historiadores-geógrafos), que estima que o ensino da história seja bem mais importante que o da geografia (apesar de ocupar uma cadeira dessa disciplina na *Sorbonne*). À medida que as sociedades de geografia propagandeiam a difusão de suas cadeiras, o grupo dos universitários se mostra bem mais reticente. Em 1885, R. Goblet, novo ministro da Instrução Pública, rejeita a ideia da criação da Escola Nacional da Geografia em favor da difusão da geografia nas Universidades (BROC, 1974, p. 562)⁸.

⁸ As sociedades de geografia também constituíram “grupos de pressão” para a institucionalização da geografia (LEJEUNE, 1993), ainda que seus interesses fossem bastante voltados para a exploração dos territórios de além-mar (PEREIRA, 2005).

Outra batalha perdida: separar a Agregação da geografia à história. Mas algumas reformas se dão progressivamente: em 1885, Vidal de la Blache se torna o instrutor de teses na Escola Normal Superior. Isso vai assegurar que, conforme se abram cadeiras de geografia, sejam os seus alunos que estejam em condições de ocupá-las. O problema, para Deprayon, é que os postos de geografia são ocupados por historiadores, que estão distantes das Sociedades de Geografia e dos seus congressos. Depois de 1886, o ministério se inclina para a solução preconizada por Himly. A geografia física é introduzida, mas com uma forma de introduzir aos estudos históricos (BROC, 1974, p.562).

Logo, apesar de todo o esforço de difusão do ensino superior dispendido por Deprayon e pelas sociedades de geografia, é a Himly que Vidal de la Blache rende homenagem em 1906, quando do desaparecimento daquele. Mais do que isso, ele atribui um espírito de “inovação” no que toca à concepção de Geografia se comparado ao contexto geral da Europa (ao mesmo tempo em que está nas entrelinhas que este cotejo não vale para o período em que geografia está sob o seu próprio comando):

Quando Karl Ritter viera a Paris em 1845, ele assistira a diversas aulas de Guiniaut, com quem mantinha excelentes relações: compartilhando suas impressões em uma carta íntima, declara ter escutado o suficiente para convencer-se de que [Guiniaut] era um homem bastante culto, mas que não entendia muito de geografia. Com o Sr. Himly, a geografia retomaria seus direitos. A melhor maneira de avaliar as especificidades de seu ensino é lendo a introdução geográfica que precede sua magistral História da Formação dos Estados da Europa Central. Os métodos e pontos de vista são os que prevaleciam então na Alemanha, dentre os discípulos que continuavam os ensinamentos de Ritter. Se hoje eles nos parecem datados, na época estavam muito mais à frente do que

o que se ensinava geralmente na França. (VIDAL DE LA BLACHE, 1906, p. 479)⁹

Não é o acaso que fez com que as cadeiras de geografia que eram ocupadas por historiadores fossem gradativamente passadas para Vidal de la Blache e seus discípulos. Mas esta divisão disciplinar era tão tênue que mesmo Ritter hesitou em assumir a posição de geógrafo. Na ocasião em que a Universidade de Berlim, fundada em 1810, o convidou para ser professor de geografia - após ter sido professor de história em Frankfurt - ele ainda não conseguia distinguir entre o objeto das duas disciplinas (CAPEL, 1981, p. 39).

Além da *relação com os historiadores como uma das estratégias de institucionalização* que se desdobrou em uma geografia com forte influência da história, desvelada pelo círculo de afinidades, passemos a outro elemento fundante dos primeiros passos do pensamento vidaliano, a circulação, enfocada pelo método contextual. O aspecto do método associado à interpretação de sua época também contribuiu para a aceitação de Vidal como pensador legítimo da disciplina que nascia.

O MÉTODO CONTEXTUAL

É indubitável que o contexto histórico influencia a

⁹ “Lorsque Karl Ritter etait venu à Paris en 1845, il avait assisté à plusieurs leçons de Guiniaut, avec lequel il entretenait d’excellentes relations: en faisant part de son impression dans une lettre intime, il déclare qu’il en avait assez entendu pour se convaincre que c’était un homme très savant, mais qu’il n’entendait pas grand chose de géographie. Avec Mr. Himly, la géographie rentra dans ses droits. Le meilleur moyen de rendre compte du caractère de son enseignement est de lire l’introduction géographique qui précède sa magistrale Histoire de la formation des États de l’Europe centrale. Les vues, les méthodes sont celles qui prévalaient alors en Allemagne chez les disciples qui continuaient l’enseignement de Ritter. Si elles paraissent aujourd’hui surannées, elles étaient à cette époque fort en avance sur ce qui s’enseignait communément chez nous”.

produção da obra científica. Mas a partir dessa premissa, quantas questões não podem ser colocadas: quais são os elementos dessa contextura que são discerníveis? Como relacioná-los seguramente à obra científica? Dos pressupostos que Vincent Berdoulay define como fundantes de seu método contextual, um nos interessa particularmente: a identificação dos principais interesses sociais que envolvem a sociedade, mesmo que estes não pareçam ter influenciado a geografia. (BERDOULAY, 1981, p. 13).

Mas em vez de buscar apenas no contexto, nessa trama indissociável de durações e fatos sociais, acreditamos que a própria obra do autor dá-nos a conhecer os traços que lhe são marcantes. O que lhe aparece como vetor da modernidade¹⁰? Daí, elaborações mais ou menos consistentes tentarão construir a trama entre a obra e o os fatos. Bem ou mal sucedidas, a relação inevitável continua latente.

A FORÇA DA CIRCULAÇÃO NA TEORIA LABLACHIANA A PARTIR DO CONTEXTO

Nosso convidado de honra declarou em 1911:

Mas eis a era das ferrovias. No início, e durante muito tempo, não se teve consciência da grande revolução que elas representavam. Para citar apenas um indício, pensemos às estações apertadas que datam de apenas 50 anos. Aos poucos, as redes viárias se formam, combinam-se, ampliam-se. Da Europa e dos Estados Unidos, elas ganham a Ásia, a América do Sul, a Austrália, a África. O movimento de construção avança em progressão geométrica; [...] Elas penetram, na Europa, todo o corpo

¹⁰ Em outros dois artigos, Vidal descreve com emoção notável a sociedade americana. O triunfo dos meios de transporte, marcaram, segundo as observações feitas a partir da janela dos trens, a modernidade do país de grandes planícies. (VIDAL DE LA BLACHE, [1902] 1993, p. 20; VIDAL DE LA BLACHE, 1905).

social e - único aspecto que gostaríamos de examinar - abrem um novo ciclo de fenômenos geográficos. (VIDAL DE LA BLACHE, 1911, p.5)¹¹

Realmente, os anos de 1830 e 1840 são marcados pela consciência entre os intelectuais da revolução geográfica que se processou no mundo com a navegação a vapor, seguida pelas linhas férreas. Criam-se dois modelos espaciais. Para uns, o mundo torna-se um ponto, miniaturizado e compactado uniformemente em todas as direções. Pacqueur refere-se a uma contração do espaço. Para outros, e notadamente alguns geógrafos como Carl Ritter (e também, Jean Reynaud e Balzac), as transformações na acessibilidade aos lugares são complexas, dando origem a uma fragmentação dos espaços- espaços vizinhos se tornam repentinamente distantes e os antigos arquipélagos são ligados por eixos transoceânicos de alta velocidade que os tornam próximos. (ROBIC, 2009, p. 306). O essencial, pois, é que os lugares isolados fossem conectados por meio das técnicas.

Este princípio de relatividade espacial do qual Ritter é partidário é admitidamente abraçado por Vidal de la Blache. Esta mobilidade está na base da noção da “posição relativa” das regiões. É notável que este princípio da mobilidade tenha sido ressaltado no artigo mais “ecológico” de Vidal de la Blache, *La Géographie Humaine, ses Rapports avec la Géographie de la Vie* (2006, [1903]), e com o aspecto “instintivo” da raça humana. Essa condição de mobilidade, portanto, está situada numa concepção

¹¹ “Mais voici l'ère des chemins de fer. Au debut et pendant longtemps on ne mesura pas la grandeur de la révolution qu'ils apportaient. Je n'en veux pour indice que l'exigüité des gares et des installations qui datent d'il y a ne cinquantaine d'années. Peu à peu les réseaux se forment, se combinent, s'étendent. De l'Europe et des Etats-Unis ils gagnent l'Asie, l'Amérique du Sud, l'Australie, l'Afrique. Le mouvement de construction se précipite en progression géométrique;[...] .Elles pénètrent, en Europe, les corps social tout entier; et - seul côté que nous voulions envisager- elles ont ouvert un nouveau cycle de phénomènes géographiques.”

de fundo lablachiana. Tal como as plantas descritas por Alexandre de Humboldt, o princípio de mobilidade está na base da liberdade do homem frente ao meio (BUTTNER, 1971, p. 48).

Tanto para ele [Ritter] quanto para Alexander von Humboldt, a ideia de geografia humana estava associada àquela de Cosmos, incluída no plano dos fenômenos terrestres, unidos por uma estreita cadeia de causas. Abraçando o problema geográfico em toda sua extensão, Ritter considerava que cada parte da terra era digna da mesma atenção. Cada parte lhe parecia, de fato, necessária para a compreensão do conjunto e, como ele mesmo disse, devia tender para o todo (Streben nach der Universalität). [...] Coube também ao velho mestre o mérito de ter trazido à tona a ideia de posição; no termo Wetstellung, que ele prontamente utiliza, está implícita a noção de uma humanidade em movimento. A posição é considerada em relação às migrações dos povos, e esta inquietude constante aparece-lhe como uma espécie de instinto, este Trieb que coloca em movimento, em direções determinadas pela geografia, as massas humanas [grifos nossos]. (LA BLACHE in SANGUIN, 1993 [1903], p.233)¹².

¹² “Chez lui [Ritter] comme chez Alexandre de Humboldt, l’idée de géographie humaine s’associe à celle de Cosmos, elle entre dans le plan des phénomènes terrestres, qu’unit une étroite chaîne de causes. Embrassant le problème géographique dans toute son ampleur, Ritter considérait chaque partie de la terre comme digne de la même attention. Chaque partie lui paraissait, en effet, nécessaire à l’intelligence de l’ensemble; et c’est à l’ensemble, comme il dit lui-même, qu’il faut tendre (streben nach der Universalität). [...]. C’est aussi au vieux maître que remonte la mérite d’avoir mis en pleine lumière l’idée de position; sous le mot de Wetstellung, qu’il emploie volentiers, reste sous-entendue la notion d’une humanité en marche. La position est envisagée par rapport aux migrations de peuples, et c’est comme une sorte d’instinct que lui apparaît cette perpétuelle inquiétude, ce Trieb qui met en mouvement, dans des directions déterminées par la géographie, les masses humaines.”

Em Outubro de 1869, Paul Vidal de la Blache se encontra no Egito. No início de Novembro, ele percorre o Cairo. No dia 9, descreve Sanguin, ele se apressa a partir de Alexandria a fim de assistir a inauguração do Canal de Suez¹³. É com emoção juvenil que ele descreve à sua noiva este grande acontecimento, cujas impressões íntimas são agora conhecidas por todos:

Eu me felicito por ter sido tão favorecido pelas circunstâncias que pude assistir à inauguração do Canal de Suez. Foi um espetáculo de verdadeira grandeza, não pela presença dos soberanos que lá se encontravam, de férias, nem pelas festividades ruidosas em sua homenagem, mas pela visão da obra em si. Eu estava em um dos quarenta navios (na fragata Themis, comandada pelo almirante Moulac) que atravessaram o canal no primeiro dia. Havia, naquele dia, algo solene nessa precessão de navios se sucedendo entre as margens do canal, rodeados por um deserto de areia, e cercados pelas enormes máquinas, agora em repouso, que foram utilizadas em sua construção. (LA BLACHE apud SANGUIN, 1993, p.70-71)¹⁴.

¹³ Tudo isso era celebrado nas exposições universais. A propaganda do progresso e “o sonho de um mundo sem fronteiras encontrava alento na realidade europeia de um mundo cortado por vias férreas [...]” (PESAVENTO, 1997, p.48).

¹⁴ “Je m’applaudis d’avoir été assez favorisé des circonstances pour pouvoir assister à l’inauguration de l’isthme de Suez. C’était un spectacle d’une véritable grandeur, non point par la présence des souverains en vacances qui s’y trouvaient et par les fêtes bruyantes dont ils étaient l’objet, mais par la vue de l’ouvre elle-même. Je me trouvais sur l’un des quarante navires (la frégate Thémis commandé par l’amiral Moulac) qui se sont engagés le premier jour dans le canal. Il y avait ce jour-là quelque chose de solennel dans cette procession de navires se succédant entre ces berges du canal, entourées par le désert de sable, et bordées par les énormes machines, alors au repos, qui ont servi à leur construction.”

O canal de Suez marca uma nova era da história da circulação. Os intelectuais desse tempo são tocados pela mobilidade que se produziu no mundo nos últimos anos. Em outro artigo, datado de 1902, sem negar o papel dos transportes na vida moderna, ele afirma não se poder negligenciar o papel que a mobilidade desempenhou na história de comunidades antigas: “os meios de transporte dos quais nos dotou a vida moderna nos fazem depreciar demais aqueles que outrora permitiram a circulação” (VIDAL DE LA BLACHE, 2006 [1902], p. 123). Ontem, como hoje, a circulação dos homens é mais do que nunca observada no século XIX.

O último aspecto da teoria de Vidal em franco processo de elaboração com vistas à institucionalização será focado a partir de uma geografia da ciência. A escolha de Vidal pelo primeiro objeto de estudo (VIDAL DE LA BLACHE, 1873), o Mediterrâneo, está relacionada tanto a legitimidade do objeto quanto à possibilidade de construir uma geografia geral a partir do centro da civilização.

GEOGRAFIA DA CIÊNCIA E AS GEOPOLÍTICAS DO CONHECIMENTO

Se a relação das teorias científicas com o contexto histórico *tende à legitimidade*, as relações daquelas com o meio geográfico continua a ser um empreendimento duvidoso. Segundo Livingstone, “conhecimento verossímil, assim assumimos, não carrega marcas de provinciano, então, a ciência que é [somente] local tem algo de errado” (grifo da tradutora) (LIVINGSTONE, 2004, p.1)¹⁵. Apesar de se produzir nos lugares, a ciência se legitimou como um empreendimento universal.

¹⁵ “credible knowledge, we assume, does not bear the marks of the provincial, and science that is local has something wrong with it”.

A depender do ponto de vista que se toma da Geografia, seja a geografia física, seja a geografia cultural e política, os riscos são certamente maiores ou menores para relacionar a produção científica à sua geografia. À medida que nos afastamos do meio físico e nos aproximamos do meio geográfico (da construção, portanto, do meio pela mão do homem), as relações ganham força argumentativa sem, todavia, deixar de encontrar adversários¹⁶.

Contudo, não descartaríamos que as ligações são todas possíveis. Em partes da Grécia, Dalmácia e Ásia Menor, existem extensas áreas de calcário, cujo processo de dissolução produziu um sistema subterrâneo de cavernas e cursos d'água. Isso não só deu sustentação à história em que o rio Alpheus, no Pelopenoso, passava embaixo do mar lônico, como também à teoria de que todo o globo era cravado de cursos d'água que alimentavam os reservatórios e o mar (WRIGHT, 1996, p.34).

Outrossim, Vidal de la Blache acusa encadeamentos que se podem estabelecer entre o meio físico e as ideias. A ciência grega, a primeira a divisar o sentido da unicidade da Terra, estava demasiada presa aos domínios do Mediterrâneo. Este, por sua vez, possui as mesmas variações de climas nas mesmas latitudes, o que teria levado os antigos a uma concepção geográfica demasiado matemática da Terra (VIDAL DE LA BLACHE, [1895], 2002, p.130-131).

Por ora, será o bastante traçar relações sob dois aspectos da geografia: primeiro, nossa vertente argumentativa será uma geopolítica do conhecimento, isto é, de que maneira as ideias geográficas contribuem para fortalecer e exaltar a hegemonia do país da qual são origem? Quanto a isso, é o geógrafo Livingstone que virá em nosso auxílio (LIVINGSTONE, 2004). Segundo este mesmo geógrafo:

¹⁶ “ambém Milton Santos exprime a ideia de que as revoluções científicas fazem reordenamentos todas as vezes que as condições gerais da vida sobre a Terra se modificam. (SANTOS, 2002, p. 18).

Todos esses esforços [a representação da ciência ocidental do Oriente] revelam, em maior ou menor grau, o poder do local. Em escala mundial, a capacidade de representar a região global - e, assim, construí-la na consciência humana - tem sido fundamental para as práticas de supremacia política (LIVINGSTONE, 2004, p.10)¹⁷.

Por extensão, a segunda perspectiva da geografia da ciência que queremos colocar em relevo é baseada na noção de unicidade da terra, formulada pelo próprio Vidal de la Blache. Isto é, parte-se do princípio que em uma geografia das ideias, a definição de determinada região implica a significação das demais. Para este liame de relações virão em nosso auxílio as noções de centro de cálculo, de Bruno Latour (LATOUR, 2000), e de ciência-mundo, de Xavier Polanco (POLANCO, 1990).

Bruno Latour, através do desenvolvimento da noção de “centro de cálculo”, evidencia como “a história da ciência é em grande parte a história da mobilização de qualquer coisa que possa ser levada a mover-se e embarcar numa viagem para casa, entrando no censo universal” (LATOUR, 2000, p.365). Este “censo universal” não é construído em toda parte, mas somente nos centros de cálculo.

As expressões da centralidade que tomam certas regiões pululam por toda parte. No século XIX, as exposições enciclopédicas e congressos eram designados para diminuir a crescente fragmentação do conhecimento (LIVINGSTONE, 2004, p.89-90), sem mencionar as viagens cujo papel essencial era reunir coleções de todo mundo e agrupá-las segundo a classificação que se produzia nos centros europeus.

¹⁷ “All these endeavors [a representação da ciência ocidental do Oriente] reveal, to one degree or another, the power of place. At the world scale, the capacity to represent global region - and thereby to construct them in human consciousness - has been fundamental to the practices of political supremacy”.

Não se podia dizer que a ciência não era um empreendimento global. Mas que esta globalidade era produzida em partes específicas da terra: “[...] internacionalismo em ciência, na medida em que realmente exista, deve ser considerado uma realização social, não a inevitável consequência de alguma essência científica inerente (LIVINGSTONE, 2004, p.89)¹⁸.

Quanto a isso, Xavier Polanco, emprestando a noção de economia mundo de Fernand Braudel - para quem é condição que as trocas não sejam mundializadas e se deem em processos seletivos de valorização dos espaços (organizando-se entre centros e periferias) (BRAUDEL, 1998) -, é contundente ao revelar que as divisões científicas procuram manter lógicas de dependência entre os lugares.

Se o princípio da unidade da Terra é o pressuposto lablachiano, como já apresentamos anteriormente, podemos imaginar que o pensamento de Vidal de la Blache pode ser compreendido como um grande mapa onde as partes estão em movimento. Em todo mapa, segundo Harley, há o princípio da centralidade (HARLEY, 2005, p.194). Robic introduz a ideia de um “espaço de referência” nas teorias geográficas de Vidal de la Blache, principalmente na dissecação de seu Atlas Vidal-Lablache (ROBIC, 2002).

A GEOGRAFIA DA CIÊNCIA E A REGIONALIZAÇÃO DO MEDITERRÂNEO DE VIDAL, UM DOS PRIMEIROS OBJETOS DE ESTUDOS DO GEÓGRAFO

O Mediterrâneo foi o primeiro objeto de observação e estudos do geógrafo Vidal de la Blache. A partir deste tema, ele elaborou o primeiro esboço do método geográfico, transformando sua herança de historiador e associando seu interesse à geografia

¹⁸ “[...] internationalism in science, insofar as it really does exist, must be considered a social achievement, not the inevitable consequence of some inherent scientific essence”.

física alemã (LIRA, 2012). A regionalização lablachiana do Mediterrâneo é essencialmente greco-latina, com poucas inserções pelo Mediterrâneo africano. Ademais, está fortemente associada à circulação entre montanha e planície, ou seja, pastores e agricultores, bem como as trocas entre o burgo (vilas com jardins agrícolas) e a marina (portos e pescadores) (CLAVAL, 1988). Por que Vidal de la Blache não se lançou sobre o Mediterrâneo africano? Mesmo quando o projeto colonial de seu país dedicava-se em conquistar terras norte africanas? A primeira resposta (dentre muitas) é dada pelo próprio La Blache. Para ele, era necessário diferenciar espaços hegemônicos dos espaços de conquistas nessas discussões que permeavam a *identidade* das regiões:

No entanto, o Mediterrâneo é, antes de mais nada, europeu. De fato, a Europa não tem somente esta superioridade que lhe confere um desenho mais variado e o desenvolvimento mais rico de suas costas, além disso, sua parte mediterrânica está ligada ao resto do continente; as comunicações são mais livres. A Itália, por ser ao mesmo tempo peninsular e continental, por sua posição central, foi admiravelmente feita para assegurar o controle da bacia. (VIDAL DE LA BLACHE, 1875, p.753-754)¹⁹.

Uma segunda hipótese é que, na África, os contatos entre pastores e agricultores eram demasiadamente conflituosos. La Blache sobressai este aspecto em uma resenha de 1897, na qual

¹⁹ “Avant tout, cependant, la Méditerranée est européenne. L’Europe n’a pas seulement pour elle, en effet, la supériorité que lui donne dessin plus varié, le développement plus riche de ses côtes, mais encore sa partie méditerranéenne est mieux rattachée au reste du continent; les communications sont plus libres. L’Italie, par son caractère à la fois péninsulaire et continental, par sa position centrale, était admirablement faite pour lui assurer la domination du bassin.”

discute a má delimitação das fronteiras no projeto colonial, inserido num espaço de conflito, que não conseguem extirpar as guerras que marcam as comunidades e lhes imprimem um aspecto de insegurança (VIDAL DE LA BLACHE, 1897, p.359). Preocupado em ressaltar “relações harmoniosas” entre os habitantes de uma mesma região, o Mediterrâneo africano é um mundo à parte da construção historiográfica da brilhante civilização que floresceu nas margens latinas. A França e sua harmonia entre as partes, é o próprio espelho do Mediterrâneo antigo²⁰.

Não é difícil meditar, ainda que seja arriscado afirmar, que o Mediterrâneo de Vidal de la Blache seja um espaço de referência, seja pela precocidade da formulação em seu pensamento ou pela proximidade que o modelo vai ganhar na definição da própria França. Esse raciocínio ajudaria a retirar dos ombros de Vidal o rótulo de uma geografia *excessivamente* descritiva, uma vez que certas generalizações e visões sintéticas das regiões parecem ser apenas fundamentadas pela observação da paisagem. Na verdade, elas podem estar relacionadas com um espaço de referência: o Mediterrâneo²¹.

Esta comparação implícita entre os territórios nem sempre se resguardou no discurso científico. No caso de Vidal, o discurso de fundação da Geografia fez jus à revelação desses pressupostos de método:

*Nessas lições de quinta-feira, proponho-me a estudar
a geografia da Europa e de seus principais Estados.*

²⁰ Segundo Spary, o conjunto de expedições científicas empreendidas por Bonaparte no Egito, Mesopotâmia e Argélia, notavelmente quanto ao primeiro, tinha como objetivo representar um ideal da grande civilização clássica, à qual a liberdade francesa poderia lhe retomar a glória. Ainda, uma conquista dessa estirpe faria apelo à memória dos grandes conquistadores militares da Antiguidade Clássica. E assim, Bonaparte “inventa” a concepção francesa de mundo Mediterrâneo. (SPARY, 1998, p. 126).

²¹ Admitimos a possibilidade de que este espaço de referência possa variar ao longo da carreira do autor, o que não saberíamos afirmar com toda segurança.

Entre os diferentes povos que compõe a sociedade européia, a raça, a história e os interesses estabelecem um grande número de relações (que estudaremos), e o método da comparação se oferecerá naturalmente para melhor fixar as ideias e falar mais vivamente ao espírito. No início de seu grande tratado geográfico, Estrabão escreveu: “É necessário começar pela Europa, pois essa parte do mundo é aquela cuja forma é a mais variada e é a mais favorável à civilização e à dignidade moral dos cidadãos”. Nos será permitido acrescentar que a Europa é o teatro sobre o qual são encenados nossos destinos, o principal mercado que se abre aos nossos produtos; logo, o objeto que mais importa conhecer. (VIDAL DE LA BLACHE, 1873).

Ressairão, em seguida, as distinções do Midi: “É no sul e não no oriente que a Europa se apresenta com seus traços distintivos” (VIDAL DE LA BLACHE, 1873, p.13). O Mediterrâneo é, conseqüentemente, o espaço de referência lablachiano, a partir de onde decorrem digressões variadas.

Além disso, o discurso do empirismo lablachiano esconde as generalizações que são possíveis a partir da teoria de Vidal de La Blache. Referindo-se ao caso de Beacue, no qual a existência do ‘limon’ permitiu a concentração de casas opulentas, Loi defende que não há espaço de referência definido, o que impossibilita a generalização (LOI, 2000). Nós acreditamos que este espaço de referência é o próprio Mediterrâneo europeu afirmado pela apropriação das palavras de Estrabão: “é preciso começar pela Europa”. O Mediterrâneo como primeiro objeto o inseria no discurso científico considerado legítimo no século XIX (BOURGET, 1998) e, para tanto, ele foi usado como base para a constituição de um método geográfico francês nos primeiros esforços de institucionalização da geografia.

REFERÊNCIAS

- ANDREWS, Howard F. Les premiers cours de géographie de Paul Vidal de la Blache à Nancy (1873-1877). **Annales de Géographie**. t. 95, n. 529. p. 341-361, 1986a.
- ANDREWS, Howard F. The Early Life of Paul Vidal de la Blache and the Makings of Modern Geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**. Vol. 11, n.2, pp. 174-182, 1986b.
- BERDOULAY, Vincent. **La formation de l'école française de géographie (1870-1914)**. Paris: CTHS, 2008.
- BERDOULAY, Vincent. The Contextual Approach. In: STODDART, D. R (ed.). **Geography, Ideology & Social Concern**. Oxford: Basil Blackwell, 1981.
- BOURGUET, Marie-Noëlle. De La Méditerranée. In: BOURGUET, Marie-Noëlle; LEPETIT, Bernard; NORDMAN, Daniel; SINARELLIS, Maroula [dir]. **L'Invention Scientifique de la Méditerranée. Égypte, Morée, Algérie**. Paris: Ed. De L'École des hautes études en sciences sociales, 1998.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material Economia e Capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BROC, Numa. L'établissement de la géographie en France: diffusion, institutions, projets (1870-1890). **Annales de Géographie**. LXXXIIIe année, p. 545-568, 1974.
- BUTTNER, Anne. **Society and Milieu in the French Geographic Tradition**. Chicago: Association of American Geographers, 1971.
- CAPEL, Horacio. Institutionalization of Geography and Strategies of Change. In: STODDART, D.R. (ed.). **Geography, Ideology & Social Concern**. Oxford: Basil Blackwell Publisher Ltda., 1981.
- CLAVAL, Paul. Le Géographes français e le monde méditerranéen. **Annales de Géographie**, XCVII, n. 542, p. 385- 403, 1988.
- GALLOIS, Lucien. Paul Vidal de la Blache (1845-1918). **Annales de Géographie**. t. 27, n. 147, pp. 161-173. 1918.
- HARLEY, J. B. **La Nueva Naturaleza dos los Mapas**. Ensayos

sobre la historia de la cartografía. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação**. Como Seguir Cientistas e Engenheiros Sociedade Afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LEJEUNE, Dominique. **Les Sociétés de géographie en France et l'expansion coloniale au XIXe siècle**. Paris: Albin Michel, 1993.

LIRA, Larissa Alves de. **O primeiro esboço do método geográfico de Vidal de la Blache a partir dos estudos do Mediterrâneo. Permanências e rupturas no contexto da institucionalização da geografia (1872-1918)**. 2012. Dissertação de Mestrado (Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.

LIVINGSTONE, David N. **Putting Science in its Place: Geographies of Scientific Knowledge**. London, Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

LOI, Daniel. Caractères Généraux de la causalité vidalienne et objets de l'explications dans Le Tableau de la Géographie de la France. In: ROBIC, Marie-Claire. **La Tableau de la Géographie de la France de Paul Vidal de la Blache**, Dans Le Labyrinthe des Formes. Paris: CTHS, 2000.

OZOUF-MARIGNIER, Marie-Vic; ROBIC, Marie-Claire. Un Tableau à vif... La réception du Tableau de la Géographie de a France de Paul Vidal de la Blache. In: ROBIC, Marie-Claire (dir.). **Le Tableau de la Géographie de la France de Paul Vidal de la Blache**. Paris: CTHS, 2000.

PEREIRA, Sérgio Nunes. Obsessões geográficas: viagens, conflitos e saberes no âmbito da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2. 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais Espetáculos da Modernidade do Século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

POLANCO, Xavier. Une science monde: la mondialisation de la science européenne et la création de traditions scientifiques locales. In: POLANCO, Xavier (dir.) **Naissance et Développement**

de la science-monde. Paris: La Découverte, 1990.

ROBIC, Marie-Claire. De La Relativité...Elisée Reclus, Paul Vidal de la Blache et l'espace-temps. In: BORD, Jean Paul; CATTEDRA, Raffaell; CREAGH, Ronald; MOISSEC, Jean-Marie; ROQUES, Georges. **Elisée Reclus- Paul Vidal de la Blache, la géographie, la cité et le monde, hier et aujourd'hui.** Paris: L'Harmattan, 2009.

ROBIC, Marie-Claire. Un système multi-scalaire, ses espaces de référence et ses mondes. L'Atlas Vidal-Lablache. **Cybergeo:** European Journal of Geography [En ligne], Dossiers, Journée à l'EHESS (Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales). Echelles et territoires, Paris, France, 29 avril 2002, document 265, mis en ligne le 25 mars 2004. URL: <http://cybergeo.revues.org/index3944.html> . Acessado em: Outubro de 2011.

SANGUIN, André-Louis. **Vidal de la Blache.** Un génie de la Géographie. Paris: Belin, 1993.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova.** São Paulo: Edusp, 2002.

SPARY, Emma C. L'invention de ' l'expédition scientifique'. L'histoire naturelle, Bonaparte et l'Égypte. In BOURGUET, Marie-Noëlle; LEPETIT, Bernanrd; NORDMAN, Daniel; SINARELLIS, Maroula (dir). **L'Invention Scientifique de la Méditerranée. Égypte, Morée, Algérie.** Paris: Ed. de L'École des hautes études en sciences sociales, 1998.

VIDAL DE LA BLACHE [1902], Estradas e Caminhos da França antiga. **GEOgraphia**, ano VIII, n 16, 2006.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul [1902]. Les Conditions Géographiques des Faits Sociaux. In: SANGUIN, André-Louis. **Vidal de la Blache.** Un génie de la Géographie. Paris: Belin, 1993.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul [1903]. La Géographie Humaine, ses Rapports avec la Géographie de la Vie. In: SANGUIN, André-Louis. **Vidal de la Blache.** Un génie de la Géographie. Paris: Belin, 1993.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. [1895] O Princípio de Geografia Geral.

Geographia. Rio de Janeiro: Ano 3, n° 6, 2002 .pp.135-147.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. A Travers l'Amérique du Nord. **Revue de Paris**, n° 07, p. 513-531, 1905.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Auguste Himly. **Annales de Géographie**. n° 84, 1906.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. La Zone Frontière de L'Algérie et du Maroc d'Après de Nouveaux Documents. **Annales de Géographie**. Volume 6, Numéro 28 p. 357 - 363. 1987.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. L'Europe Méridionale et le monde méditerranée. **Revue Politique et Littéraire**. 2e série, 4e année, num. 31, pp. 750-754, 1875.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Péninsule Européenne. L'océan et La Méditerranée. Leçon d'ouverture du cours d'histoire et géographie a la Faculté des Lettres de Nancy. Nancy, Paris, Berger-Levrault et Librairies-Éditeurs, 1873.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Sur la rellativité des divisions régionales. **Athena**, n. 11, 1911.

WRIGHT, John K. A Plea for the History of Geography. In: LIVINGSTONE, David; AGNEW, John; ROGERS, Alisdair (dir.). **Human Geography**. An essential anthology. Oxford: Blackwell, 1996.